

PALAVRAS-CONCEITO EM FUNCIONAMENTO: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO A PARTIR DA ANÁLISE DE DISCURSO

Kelly Fernanda Guasso da Silva¹
Fidah Mohamad Harb²

Resumo: Observando trabalhos científicos para além da área de Letras nos quais figuram palavras que, na Análise de Discurso, têm o estatuto de conceito, propomos algumas reflexões sobre tal funcionamento. Nosso objetivo é mostrar como a Análise de Discurso dá embasamento teórico-metodológico para mobilizar as questões que envolvem a produção do conhecimento. O percurso do nosso estudo permite constatar que os autores, ao tomarem palavras-conceito, podem estar lançando mão desse artifício discursivo para conferir mais um lugar teórico à sua pesquisa.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Produção do conhecimento; Palavras-conceito; História das Ideias Discursivas.

CONCEPT-WORDS IN MOVEMENT: REFLECTIONS ON THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE FROM THE DISCOURSE ANALYSIS

Abstract: Observing scientific works beyond the area of Letters in which words appear that, in Discourse Analysis, have the status of a concept, we propose some reflections on such functioning. Our objective is to show how Discourse Analysis provides a theoretical-methodological basis for mobilizing issues that involve the production of knowledge. The course of our study allows us to verify that the authors, when using concept-words, may be making use of this discursive device to give their research another theoretical place.

Keywords: Discourse Analysis; Knowledge production; Concept-words; History of Discursive Ideas.

¹ Doutorado em Letras, área de concentração estudos Linguísticos (UFSM). E-mail: kellyguasso@gmail.com

² Mestre em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos. E-mail: fidah.mohamad@gmail.com

PRIMEIROS PASSOS...

Ler é mergulhar em uma teia discursiva
invisível construída de já ditos
(INDURSKY, 2001, p. 9-10).

Para nós, o discurso, a produção de conhecimento e a Análise de Discurso são sempre temas muito caros. Trabalhar com a língua nos exige e nos permite ler diferentes textos, refletir sobre os sentidos em funcionamento, pensar sobre os ditos e os não-ditos da/na/sobre a teoria. As teias que formam um discurso não podem ser para nós totalmente transparentes, já que o discurso não o é. Nosso caminho se trilha no vaivém da teoria à prática (e vice-versa), conforme descreve Petri (2013) ao abordar *O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do 'dispositivo experimental' da Análise de Discurso*. Assim, ao traçar um caminho a ser percorrido neste artigo, buscamos observar as teias que formam os discursos e perceber os “desenhos” que se constroem.

Há algum tempo³, vimos nos interessando pelas questões que envolvem a produção de conhecimento discursivo, que constitui uma História das Ideias Discursivas, movimentos que resultaram na tese de doutorado, intitulada *Discursos que ressonam sentidos: por uma História das Ideias Discursivas a partir do autor Michel Pécheux* (GUASSO DA SILVA, 2021), e na dissertação de mestrado, intitulada *O funcionamento do dispositivo teórico e metodológico da Análise de Discurso em trabalhos científicos para além da área de Letras* (HARB, 2021).

Em nossa trajetória teórica, compreendemos que a produção de conhecimento é um processo em desenvolvimento, sendo a completude um ideal não alcançado, já que acessamos regiões do saber, assim, o discurso é produzido e

apreendido a partir de determinadas condições de produção e de leitura. Nesse caminho, a partir dos primeiros passos dados por nós, apresentaremos alguns pontos com os quais nos deparamos seguindo a caminhada, sobretudo considerando o funcionamento de palavras-conceito, noção cunhada por nós e entendida no sentido de que há palavras que podem comparecer em trabalhos de outras áreas, mas que para a Análise de Discurso são conceitos. Prontamente, quando falamos em conceitos, colocamo-nos à seguinte questão: “O que é falar sobre conceitos na Análise de Discurso de linha francesa?”

Pensando que nosso interesse está voltado também para a compreensão do funcionamento de fazer história da ciência, a partir da perspectiva discursiva, neste texto, temos o propósito de aprofundar e problematizar a ideia de palavras-conceito quando são mobilizadas a partir de um viés discursivo; e, de outro modo, a partir do senso comum, em outras áreas do saber⁴, filiações teóricas que não são áreas específicas dos Estudos da Linguagem.

Destacamos, nesse processo, que nos ancoramos na linha de pesquisa História das Ideias Discursivas, inaugurada por Orlandi (2018), que considera os “já ditos” enquanto conhecimentos que ajudam a entender as especificidades do objeto de estudo da Análise de Discurso francesa, a saber: o discurso. Nessa perspectiva, entendendo que a proposta de Orlandi (2018) busca, entre seus objetivos, transpor as evidências e observar os gestos de leitura como sentidos em relação - ou seja, analisando não apenas a relação de palavras com palavras ou, observando outras materialidades, imagens com palavras, mas como discurso mesmo se constitui.

Uma maneira complementar de pensar sobre as palavras-conceito é estabelecendo uma relação

4 Ressaltamos, nesse sentido, que não entraremos numa questão analítica, pois teríamos que conhecer e nos apropriar teoricamente de outras áreas do conhecimento.

3 (Cf. PETRI; GUASSO DA SILVA, 2016; GUASSO DA SILVA, 2017; PETRI; GUASSO DA SILVA; HARB, 2019).

da linguagem com a exterioridade - condição essa que demanda considerarmos sempre o sujeito que produz o discurso, as condições de produção do discurso, as formações discursivas, as formações imaginárias, a ideologia, o inconsciente etc. - elementos que constituem o sujeito e acabam por atravessar o discurso. Logo, o campo da Análise de Discurso coloca conceitos em funcionamento e, nesse sentido, não basta apenas descrever o que são os conceitos, como também e de maneira especial explicitar como/em quais as condições e de quais modos ocorrem.

Diante do exposto, buscamos aprofundar e problematizar a ocorrência de “palavras-conceito” - como sentidos não acabados -, e os sentidos que podem ser outros (mas não qualquer um). Propomo-nos analisar noções que são importantes para o campo teórico discursivo funcionando em abordagens, filiações teóricas e áreas do conhecimento para além das Letras.

SEGUINDO A CAMINHADA...

[...] apreender a História das Ideias Discursivas envolve ter em mente os já-ditos, ou seja, todos os conhecimentos que ajudam a entender as especificidades do objeto de estudo da Análise de Discurso. Nesse âmbito, entendo que o objeto da História das Ideias Discursivas é a discursividade, ou seja, o discurso em funcionamento, constituído de historicidade (GUASSO DA SILVA, 2021, p. 43).

Assumimos, na escrita do presente texto, a posição de pesquisadoras analistas de discurso que percebem a relevância e o comprometimento de saber a partir da perspectiva teórica da História das Ideias Discursivas. Nesse percurso, marca a nossa trajetória acadêmica a oportunidade de, em maio de 2019, assistir a uma fala proferida por Eni Orlandi, intitulada *A Análise de Discurso como teoria e como método*, na qual, entre outras questões abordadas, a Professora dissertou sobre essa nova linha de pesquisa (História das Ideias Discursivas), a qual

segue a filosofia da interpretação, ampliando as possibilidades de sentidos dos conceitos da teoria da Análise de Discurso.

Isso posto, seguimos nessa proposta observando esses conceitos em funcionamento e, assim, verificando ampliarem-se as margens para suas interpretações. Desse modo, em nossos trabalhos de pesquisa (Dissertação e Tese) buscamos nos apropriar do campo e da teoria discursiva e reconstruir modos de produção do conhecimento a partir de nossos gestos de leitura, questionando saberes definidos e estáveis no “fio do discurso” (PÊCHEUX, [1982] 2014, p. 59). Em outras palavras, a partir de uma análise de perspectiva discursiva, entendemos que construímos nossos dispositivos teórico-metodológico-ideológicos, os quais deslocaram nosso olhar, nossa escuta (HARB, 2021).

Nesse caminho, concordamos com Orlandi (2018), quando reafirma que a Análise de Discurso está preparada para levar em conta o não exato, o desconhecido, o incompreensível, através de seus procedimentos teóricos e analíticos que sustentam ideias e/ou sentidos, visto que o dispositivo teórico passa entre a descrição e a interpretação enquanto forma de conhecimento entre conceitos e métodos. Desse modo, brevemente configurado o quadro teórico sobre o qual vimos refletindo, adentramos na nossa questão (incômoda, como precisa ser para estimular as buscas do pesquisador) sobre o funcionamento das palavras e dos conceitos nos trabalhos científicos. Nesse caminho, consideramos importante retomar alguns conceitos fundamentais para a Análise de Discurso e que constituem (não só, mas também)⁵ a História das Ideias Discursivas: o que é dizer autor, discurso e conhecimento quando estamos falando em conceitos na Análise de Discurso?

5 Conforme se reforça na tese *Discursos que ressonam sentidos: por uma História das Ideias Discursivas a partir do autor Michel Pêcheux* (GUASSO DA SILVA, 2021), a História das Ideias Discursivas não se limita à Análise de Discurso, mas se compõe também dela.

Para compreender o(s) movimento(s) que propomos, destacamos que estamos entendendo que o autor é aquele que organiza o texto, configurando certa unidade de sentidos, sendo que, “para produzir sentidos, é necessário que o autor tome posição frente ao discurso (outro, o já-dito do interdiscurso) e ao sujeito (também outro, aquele que é seu interlocutor - imaginário)” (GUASSO DA SILVA, 2021, p. 79). Assim sendo, é a partir do momento que o sujeito toma o texto - e, a partir dele, estabelece relações com outro(s) discurso(s) e outro(s) sujeito(s) - que os sentidos se constituem.

São as palavras que nos permitem acessar os sentidos da/na língua - e o texto, o discurso e os conceitos. Já de acordo com Narzetti (2018, p. 649), “um conceito não existe desde sempre nem permanece imutável; ao contrário, ele é produzido em determinado momento e, ao longo do tempo, passa por reformulações, que o corrigem, o refinam ou o ampliam”.

Dessa perspectiva, entendemos que, para o analista, a questão discursiva envolve sentido e interpretação - e, estes, por sua vez, podem ser apresentados numa relação de nunca acabar com a linguagem, com o pensamento e com o mundo. Por isso, a partir dessas considerações, trazemos à discussão a questão de que o quadro discursivo nos dá ferramentas para acessar outras áreas do conhecimento. Refletindo, nessa linha, a concepção de Nunes (2008) de que o campo de uma ciência não é um espaço homogêneo, mas sim constituído de diferentes discursos, e, na perspectiva discursiva, temos o discurso como um lugar de reflexão teórico-metodológica, histórica, subjetiva e, sobretudo, ideológica.

Na busca por entender melhor o funcionamento da formação de conceitos na Análise de Discurso materialista, destacamos a citação de Ferreira (2013, p. 10), quando explicita que “[...] produzir conceitos é, antes de tudo, uma

atividade criadora que permite inventar novas maneiras de pensar, de sentir, de ver (conceber e perceber), de compreender o incompreensível”.

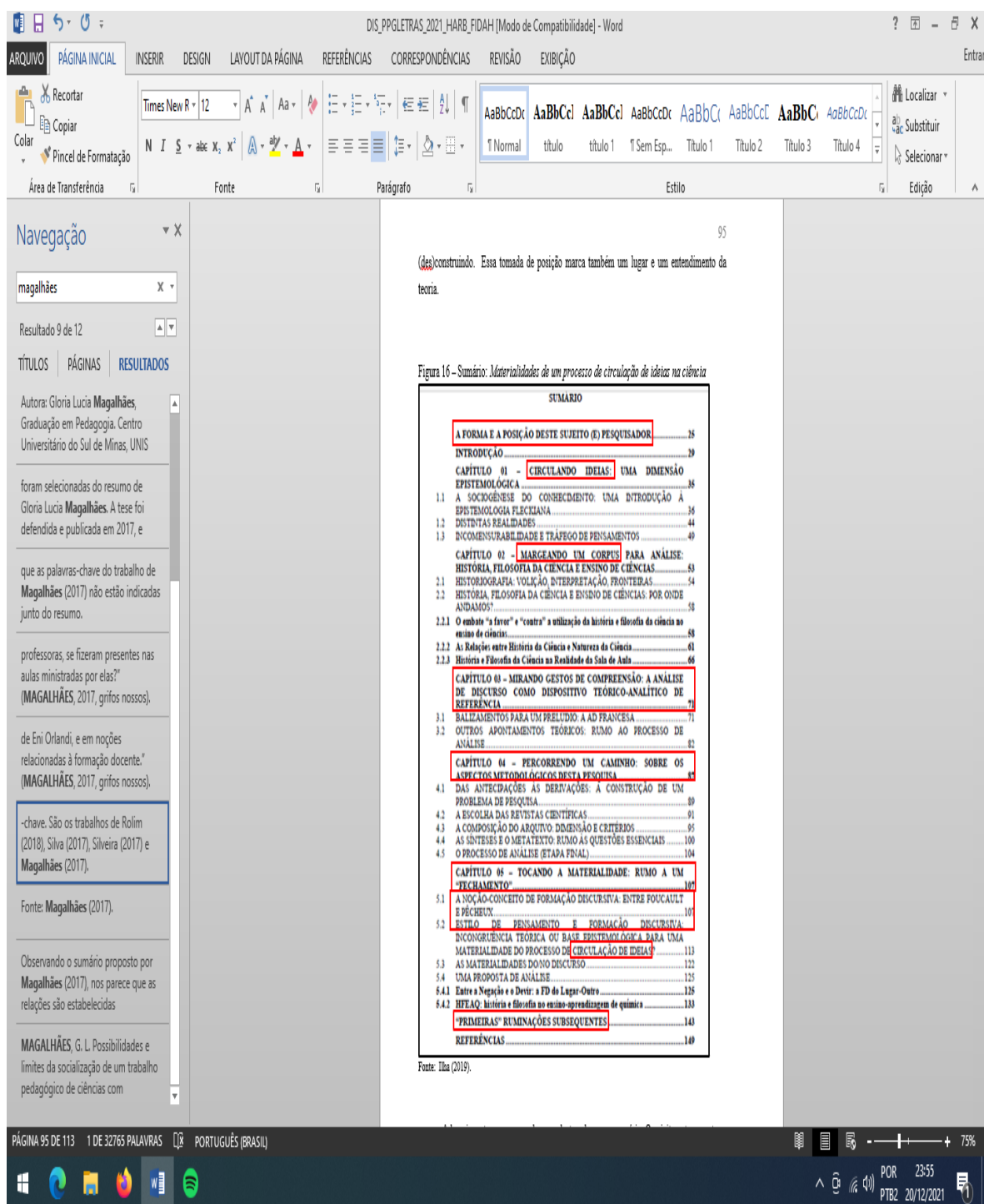
Nesse sentido, diferente do que ocorre no senso comum, compreendemos que a “formulação” de um conceito para a teoria discursiva permite, a partir da pesquisa, (des)construir leituras, estabelecendo relações entre a teoria e a prática analítica. Assim sendo, não é um processo de criação acabado que possui funções específicas e sem outras iguais. Para nós - na posição de analistas de discurso - tomamos essa criação como um processo que expressa continuidade, que se realiza a partir de sujeitos, atravessados pela memória, pelas formações ideológicas e discursivas.

Para tanto, apreendemos que está em funcionamento um vibrar de sentidos, um saber que (res)urge da Análise de Discurso:

[...] os sentidos que ressonam em um discurso a partir da repetição e/ou da reformulação no intradiscurso, por exemplo, não são dominados totalmente pelo sujeito. O sujeito não controla o discurso. Ele dá pistas, sugere reflexões e interpretações por meio de marcas linguístico-discursivas, mas não há garantias entre o dito e o compreendido, pois estão em jogo nesse complexo processo as formações imaginárias, formações discursivas, condições de produção, história, memória, inconsciente e outros. De acordo com Serrani (2005, p. 90), deve-se estudar as recorrências nos textos e nos conjuntos de textos “discursivamente relacionados, com o objetivo de estabelecer como ocorre por efeitos de vibração semântica mútua entre várias marcas específicas, a construção das representações de sentido predominantes em um discurso determinado”. Mais do que sintagmas, são os sentidos que ressonam e recuperam sentidos que podem ser os mesmos, múltiplos, opacos etc. (GUASSO DA SILVA, 2021, p. 142-143).

Tal funcionamento, que permite perceber um vibrar de sentidos - entre palavras e conceitos - em outros lugares de produção do saber, especificamente, em outras teses, é trabalhado por Harb (2021). Vejamos um exemplo a partir da figura 1, a seguir:

Figura 1 – Sumário: *Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência.*



A figura 1 é o recorte do sumário da tese de Ilha (2019), um dos trabalhos consultados para a pesquisa de Harb (2021), a partir do qual propomos - em um primeiro momento - refletir sobre o lugar do sumário em um trabalho científico, visto que por ser o último elemento pré-textual obrigatório - conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que é o Foro Nacional de Normalização -, também abrange todas as partes do trabalho: a elaboração do sumário é uma prática que prepara, harmoniosamente, as principais divisões do texto, apresentando de maneira sucinta aquilo que vai ser, depois, desenvolvido. Desse modo, de forma discursiva, a elaboração de um sumário compreende um

gesto de organização, por parte do autor, na apresentação do conjunto do [seu] trabalho e de cada seção, devendo incluir o conteúdo de todo o trabalho.

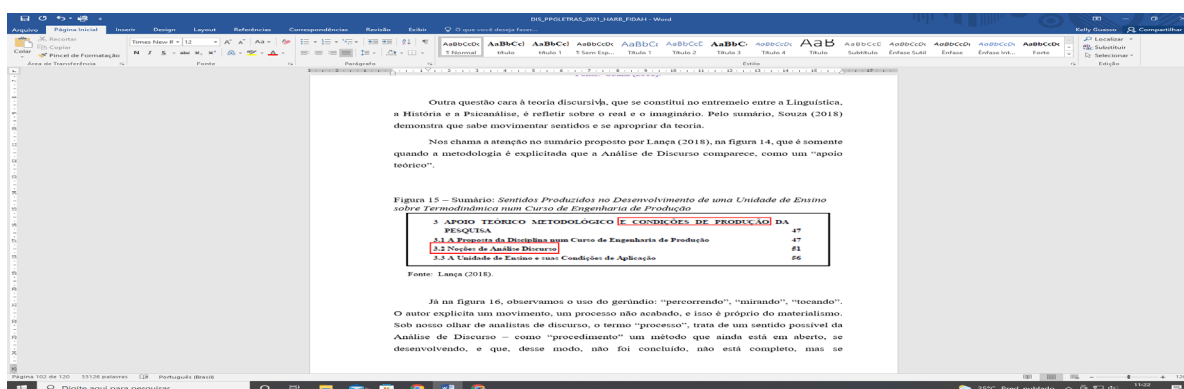
Observando o sumário proposto por Ilha (2019), nos chama a atenção a facilidade com que as relações de sentidos de palavras de sua filiação teórica com conceitos da Análise de Discurso são estabelecidas (chamamos a atenção para as palavras-conceito “posição-sujeito”, “gestos de compreensão”, “materialidade”, “ruminação”, por exemplo, pois são recorrentes nos estudos da linguagem com funcionamento no trabalho de analistas de discurso - não só por Michel Pêcheux, mas também por Eni Orlandi⁶, para citarmos alguns nomes importantes da área). Assim, as teorias de diferentes áreas do saber se conjugam e nos mostram que o processo que envolve a produção do conhecimento, desde o delineamento do objeto, da formulação da questão de pesquisa e, conseqüentemente, do caminho de estudo percorrido não estão dados, eles vão se construindo ao mesmo tempo, fortalecendo-se e mostrando as possibilidades de apreender e refletir acerca do discurso em funcionamento.

O sujeito autor, ao conferir certa unidade ao texto que ora apresenta, acaba por estabelecer conexões impensadas (inéditas?) e mostra mais um caminho teórico possível ao articular/aproximar Linguística - Análise de Discurso - e Ciências - Química:

O sujeito autor aponta as condições de produção do discurso, pois, sendo químico, por formação, ele se inscreve num determinado lugar, o qual está marcado pelas relações que estabelece com a teoria quando evidencia conceitos que são importantes para o estudo do quadro teórico da Análise de Discurso: (i) posição sujeito, como uma apresentação à parte do trabalho - antes da introdução -, (ii) formação discursiva presente no quinto capítulo e (iii) discurso, no quinto capítulo. Outro traço importante para sublinhar [...] Em nosso entender, o sujeito usa esse saber no sentido de possibilidade de conhecimento, instrumento de Análise de Discurso. Então, ele toma essa posição para falar do objeto - há uma apropriação desse discurso -, destaca-se ainda o saber discursivo, pois ele conduz e apresenta bem as noções (HARB, 2021, p. 92).

Já na figura 2, a seguir, há mais uma possibilidade de verificarmos a Análise de Discurso posta em funcionamento, desta vez sendo “aproximada” da teoria da Engenharia de Produção:

Figura 2 – Sumário: *Sentidos Produzidos no Desenvolvimento de uma Unidade de Ensino sobre Termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção*



Na tese de Lança (2018), conforme afirma Harb (2021, p. 90), a Análise de Discurso parece fornecer um “apoio teórico”, destaca-se nesse recorte do sumário a palavra-conceito “condições de produção”, tão cara não só para a teoria concebida por Michel Pêcheux, na França, mas também para o que foi desenvolvido por Eni Orlandi e outros autores do/no Brasil. Ampliam-se assim as possibilidades

⁶ Também podemos citar, por exemplo, a linguista Irène Fenoglio que trabalha com o conceito de “ruminação”.

de leitura/interpretação/produção de sentidos sobre a Engenharia de Produção a partir da Análise de Discurso.

Ademais, conforme apresentamos na figura 3, recorte do sumário da tese desenvolvida por Savaget (2018) - que também compõe o *corpus* analítico de Harb (2021, p. 88) - é possível identificar o uso de repetições, o que a nosso ver marca uma posição, reforça um lugar, aponta a mirada que o autor confere à Análise de Discurso com a retomada das palavras-conceito “memória” e “silêncio”, bem como com a repetição da palavra “discurso”:

Figura 3 – Sumário: *Comunicação no discurso ambiental* – Parte I

Figura 11 – Sumário: *Comunicação no discurso ambiental* – Parte I.

CAPÍTULO I – DISCURSO AMBIENTAL	38
1. MEMÓRIA DO DISCURSO AMBIENTAL	38
OS ESTUDOS DE DISCURSO AMBIENTAL EM HANNOGAN (2009)	43
Discursos públicos	45
Discursos acadêmicos	46
Discursos de justiça ambiental	47
2. A COMUNICAÇÃO NO DISCURSO AMBIENTAL	48
OBJETIVO ESPECÍFICO NO DISCURSO AMBIENTAL	49
2.1- PRIMAVERA SILENCIOSA	50

Fonte: Savaget (2018).

Figura 12 – Sumário: *Comunicação no discurso ambiental* – Parte II.

1. MEMÓRIA DO DISCURSO DA MUDANÇA CLIMÁTICA	76
CIRCULAÇÃO E REPETIÇÃO DOS DISCURSOS DO ALERTA NA MÍDIA	77
2. AÇÕES PARA A COMUNICAÇÃO DO AR4	81
2.1 PROCESSO DE PRODUÇÃO PARA COMUNICAÇÃO DO AR4	83
2.2 O QUE DIZEM OS BRIEFINGS PARA A IMPRENSA DO AR4	87
4 INDETEREZA NO DISCURSO	89
O RISCO NO DISCURSO	91
3. CONFRONTO DISCURSIVO	100

O caminho trilhado na análise proposta por Harb (2021) mostra que, para além das palavras identificadas nos trabalhos científicos, são utilizadas referências próprias da área, neste caso, da Análise de Discurso. Em nosso entender, os autores usam esse saber no sentido de possibilidade de conhecimento e, ao tomarem tal posição para falar do discurso (objeto do quadro teórico estudado por nós analistas), existe uma apropriação desse conhecimento, o saber discursivo, já que há um movimento que conduz e apresenta bem essas noções - entendidas por nós como palavras-conceito.

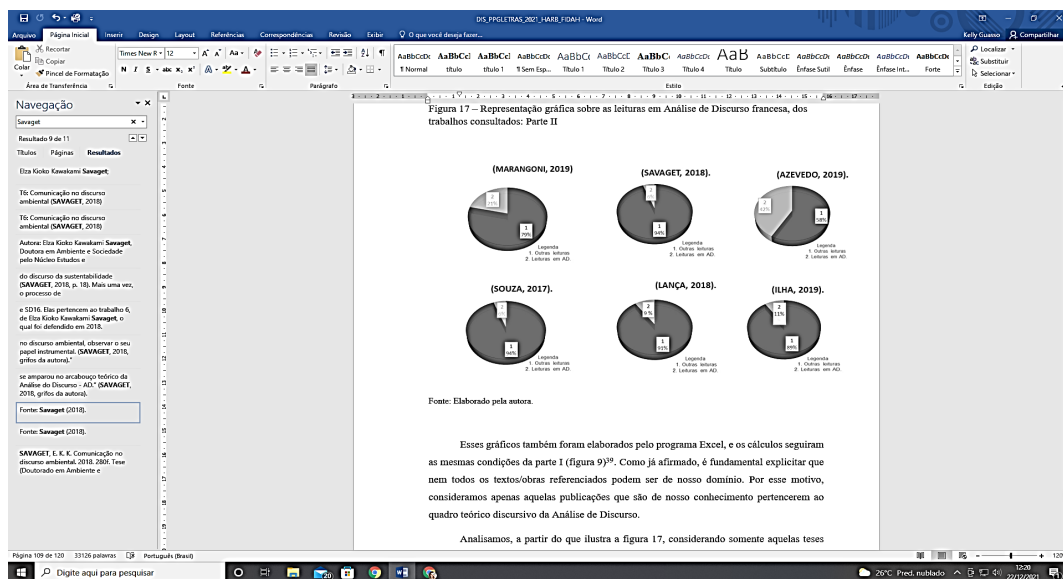
Nessa perspectiva, entendemos um esforço teórico e metodológico por parte desses autores quando apresentam em seus trabalhos esse “gesto de ler do analista de discurso” (PETRI, 2013, p. 47). Sendo assim, além de uma apropriação das palavras da teoria do discurso, identificamos um funcionamento no sentido de a Análise de Discurso poder estar conferindo mais um lugar teórico à sua pesquisa. Por exemplo, podemos tomar palavras como “ler”, “descrever” e “interpretar”⁷ que funcionam no senso comum o tempo inteiro, entretanto, ao comparecerem em um trabalho de Análise de Discurso assumem um outro estatuto, o de palavras-conceito: é a mobilização da teoria que retira o significante do senso comum, fornecendo a ele outro estatuto⁸.

Retomamos os gráficos elaborados por Harb (2021, p. 97), eles nos auxiliam na compreensão de que os autores da Análise de Discurso podem comparecer nas referências com um percentual bastante elevado. Vejamos a figura 4:

7 (PÊCHEUX, [1988] 2002).

8 Agradecemos à Professora Dra. Verli Petri pela leitura atenta e pelas contribuições teóricas para este artigo, sobretudo nesta reflexão.

Figura 4 – Representação gráfica sobre as leituras em Análise de Discurso francesa dos trabalhos consultados



Fonte: Harb (2021, p. 97).

De acordo com Harb (2021, p. 97), as referências a autores da Análise de Discurso variam, podendo atingir um percentual de até 42%. Para chegar a tal resultado, a autora calculou uma média aproximada, considerando 100% das referências consultadas e separou as publicações de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, realizando uma regra de três.

São essas pistas (as palavras presentes nos sumários e nas referências, por exemplo) que constroem essa teia e formam um desenho bem próprio, dando assim mais um passo dentro da História das Ideias Discursivas.

Diante disso, destacamos uma questão apreendida sobre os sentidos de se dizer/afirmar “analistas de discurso”, tais autores, fora das áreas de Letras e Linguística, nos mostram que a Análise de Discurso nos dá ferramentas para acessar outros campos do saber científico. Sendo esse um assunto que vimos tentando entender e tratar em nossos estudos a partir da proposta da Professora Eni Orlandi - História das Ideias Discursivas, especialmente, se nessas diferentes teses⁹ a teoria foi trabalhada/tratada num processo de consistência, relacionando, assim, teoria e método¹⁰.

UMA “PARADA” É NECESSÁRIA, MESMO QUE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SEJA CONTÍNUO

Tendo em vista o caminho percorrido, em nossa leitura, percebemos que para a produção de conhecimento há gestos constituindo o sujeito na posição de analista e, ao mobilizar um dispositivo

⁹ Decidimos trabalhar com teses, visto que são consideradas resultado de investigação complexa e aprofundada sobre diferentes temas. Ademais, por ter um tempo maior para a elaboração do texto, para a consulta e apreensão do referencial teórico-metodológico de análise - e considerando também que teses ocupam um lugar específico na produção do conhecimento, qual seja: para além da reprodução. Espera-se que uma tese traga uma contribuição “original”, conforme a MDT/UFMS (2018, p. 10): “tese é um documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único bem delimitado, elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão”.

¹⁰ Destacamos que a nossa proposta de leitura não se dedica a avaliar ou julgar a consistência das análises ou o sucesso dos procedimentos analíticos.

teórico-metodológico, ele é capaz de compreender e de produzir (outros) efeitos de sentido. Por isso, esse caminho mostra que ler é saber que o sentido (embora não seja qualquer um) pode ser sempre outro, já que é atravessado pelas condições de produção do discurso e do sujeito.

Concluimos na direção de que a Análise de Discurso e a História das Ideias Discursivas mobilizam sentidos e, nesse processo, acabam por conceituar palavras. Nesse caminho, visto que ler e interpretar em Análise de Discurso é diferente de ler e interpretar textos no senso comum, afirmamos que o nosso artigo tem o objetivo de levantar reflexões acerca da produção do conhecimento discursivo. Mas, não só, neste texto, nos propusemos a demonstrar que o dispositivo, apoiado na linha de pesquisa História das Ideias Discursivas (ORLANDI, 2018), fornece embasamento teórico metodológico para se mobilizar conceitos.

Observamos, na construção de sumários e de referências de trabalhos de outras áreas do saber - que não a área de Letras/Linguística -, a utilização de palavras-conceito próprias à Análise de Discurso para mostrar que há possibilidades de conjugar teorias de diferentes campos do saber, o que se configura como um artifício discursivo. Enquanto analistas e pesquisadoras da área da linguagem, nos colocamos no caminho de provocar reflexões sobre a possibilidade de visualizar aquilo que é diferente, desconhecido e, até certo ponto, (nos) parece estranho/novo. Isto é, relações que se estabelecem e são possíveis articulando Análise de Discurso e outras áreas do conhecimento, por exemplo - o que faz parte da História das Ideias Discursivas, que na mesma linha de fazer História das Ideias Linguísticas, filia-se ao mesmo método de fazer história da ciência, como história das ideias, na perspectiva discursiva.

A partir da Análise de Discurso existe a mobilização de conceitos e eles fazem aparecer mais questões do que uma leitura do senso comum.

Sendo assim, ao pensar a partir do ponto de vista discursivo, retomamos a pesquisa de Harb (2021) sobretudo para, mais uma vez, problematizarmos o funcionamento das palavras-conceito justamente com o objetivo de mostrar que há palavras-conceito da Análise de Discurso funcionando em outras áreas do conhecimento, dentro de outros trabalhos, com outras teorias, de certo modo impensada por nós analistas; o que traz contribuições para pensar o quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso. Nesse caminho, recuperando Orlandi (2007, p. 34), nos pomos a refletir sobre esse lugar que ora discutimos na produção do conhecimento: nas suas palavras “porque ‘ter’ uma ideia é uma questão intelectual, mas ‘ser autor de’ tem uma valia institucional bastante disputada”. Desse modo, a teoria pecheuxtiana faz esses aspectos conceituais circular(em) e funcionar(em) em relação a outras linhas teóricas, marcando essa “autoria” - que é compreendida como “os modos de apresentar” (ORLANDI, 2007, p. 134).

Ora, pensando que estamos inscritas no lugar de um sujeito questionador, o qual não se acomoda com aquilo que “vê” e que está se interrogando sobre a realidade com sua visão de pensamento e de mundo, o nosso lugar na Análise de Discurso ainda está se construindo. Logo, ainda há conhecimentos a apreender e muitas relações teóricas a estabelecer... o quadro discursivo nos mostra tais possibilidades e articulações. A partir do exposto, consideramos a importância de tais sujeitos - autores de trabalhos de diferentes áreas - proporem uma definição às palavras-conceito colocadas em funcionamento, visto que os trabalhos acadêmicos (aqui consideramos teses) ocupam um lugar de investigação complexo e aprofundado sobre temas diversos - recebendo um espaço bem específico na produção do conhecimento. Assim, poderiam controlar “um pouco” os sentidos e demonstrar que palavras adquirem outro estatuto ao comparecerem em trabalhos científicos, pois

é nesse lugar que elas se deslocam e passam a ser conceitos.

REFERÊNCIAS

FERREIRA A. C. Uma história da linguística: entre os nomes dos estudos da linguagem. Campinas: RG, 2013.

GUASSO DA SILVA, K. F.; PETRI, V.; HARB, F. Algumas reflexões sobre a produção do conhecimento discursivo: leitura e escritura em *Análise de Discurso. Interfaces*, v. 10, n. 3. Guarapuava: Unicentro, p. 1-12, 2019.

GUASSO DA SILVA, K. F. Sobre a (re)produção de conhecimento: reflexões a partir do (dis)curso de Michel Pêcheux. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

GUASSO DA SILVA, K. F. Discursos que ressonam sentidos: por uma História das Ideias Discursivas a partir do autor Michel Pêcheux. 2021. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

HARB, F. M. O funcionamento do dispositivo teórico e metodológico da *Análise de Discurso* em trabalhos científicos para além da área de Letras. 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. (Org.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

NARZETTI, C. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018.

NUNES, J. H. Uma articulação entre a História das

Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso. Letras, Santa Maria, n. 37, p. 107-124, jul./dez. 2008.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. Ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis. In: BARONAS, R. L. et al. (Org.). *Ética, Ciência, Ideologia, Interpretação*. Campinas, SP: Pontes editores, 2018.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, [1982] 2014, p. 57-68.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pucinelli Orlandi. Campinas: Pontes, [1988] 2002.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da *Análise de Discurso*. In: PETRI, V.; DIAS, C. *Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 39-48.

PETRI, V.; GUASSO DA SILVA, K. F. Apontamentos sobre produção do conhecimento e prática científica em escritos de Michel Pêcheux. *Línguas e instrumentos linguísticos*, n. 37. Campinas, São Paulo: RG Editora, p. 1-19, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses: MDT. Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Biblioteca Central. 8. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2018. 72 p.

TESES ANALISADAS

ILHA, G. C. *Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência*. 2019. 224f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <http://>

repositorio.ufsm.br/handle/1/19398. Acesso em: 20 jan. 2020.

LANÇA, T. *Sentidos produzidos no desenvolvimento de uma unidade de ensino sobre termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção*. 2018. 199 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333193>. Acesso em: 15 out. 2019.

SAVAGET, E. K. K. *Comunicação no discurso ambiental*. 2018. 280f. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade, Aspectos Sociais e Sustentabilidade) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333292>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Submissão: dezembro de 2021.

Aceite: janeiro de 2022.